

AS VOZES DAS MÃES PRETAS NA OBRA CANTOS DO EQUADOR, DE MELLO MORAES FILHO

UMA LEITURA DOS POEMAS DE ESCRAVIDÃO

Daniel de Assis Soares
(UNIABEU - Centro Universitário)

RESUMO	ABSTRACT
Neste artigo faremos uma leitura analítica e atenta das poesias contidas em <i>poemas de escravidão</i> , terceira parte do livro <i>Cantos do Equador</i> , de Mello Moraes Filho, cujos temas sejam relacionados à maternidade da mulher negra. Para uma melhor compreensão desta leitura, antes, abordaremos os contextos históricos, sociais e políticos, que estão relacionados de forma íntima com o tema e corroborados de um extenso arcabouço teórico. Para tratarmos destes contextos de maneira correlacionada, realizaremos a seguinte divisão temática: <i>in primo loco</i> , um breve histórico da escravidão e da poesia abolicionista, que emerge como uma das reações do próprio movimento pelo fim da escravidão. Este movimento político envolveu vários seguimentos sociais, inclusive os intelectuais e poetas, como Castro Alves e o próprio Moraes Filho; em seguida, veremos os estereótipos da mulher negra, como se relacionam e se desdobram entre si. Ademais, trataremos da questão mítica em torno destes e de que forma são vistos no imaginário social; por fim, partiremos para leitura dos poemas com temas relacionados as mães pretas, cujas vozes foram silenciadas pela sociedade escravista e opressora de sua época. Tais vozes encontraram um lugar de fala na poesia de Moraes Filho, onde ecoam até os dias de hoje.	In this article, we will conduct an analytical and attentive reading of the poems contained in poems about slavery, the third part of the book <i>Cantos do Equador</i> , by Mello Moraes Filho, whose themes are related to the motherhood of black women. For better understand this reading, we will first address the historical, social and political contexts, which are closely related to the theme and corroborated by an extensive theoretical framework. In order to address these contexts in a correlated manner, we will carry out the following thematic division: <i>in primo loco</i> , a brief history of slavery and abolitionist poetry, which emerged as one of the reactions of the movement for the end of slavery itself. This political movement involved several social segments, including intellectuals and poets, such as Castro Alves and Moraes Filho himself; then, we will look at the stereotypes of black women, how they relate to and unfold among themselves. In addition, we will address the mythical issue surrounding these and how they are seen in the social imagination; Finally, we will read poems with themes related to black mothers, whose voices were silenced by the slave-owning and oppressive society of their time. These voices found a place to speak in Moraes Filho's poetry, where they echo to present day.
PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Poemas de escravidão; Cantos do Equador; Vozes; Mães pretas; Moraes Filho.	Slavery poems; Ecuador songs; Voices; Black mothers; Moraes Filho.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da maternidade da mulher negra, temática de várias poesias que estão contidas em *poemas de escravidão*, terceira parte do compêndio *Cantos do Equador*, de Mello Moraes Filho, que foi discípulo de Castro Alves, poeta da terceira geração do Romantismo no Brasil e mais ilustre representante da poesia abolicionista brasileira.

Para que seja realizada uma leitura desta temática abordada na lírica de Moraes Filho, é necessário, antes, estarmos imersos em todo o ambiente histórico e cultural da escravidão no Brasil, no qual está imersa a mulher negra. Em torno da dela, foram construídos no imaginário social, estereótipos, que permearam durante muito tempo a literatura brasileira. São eles: a mulata, a mucama e a mãe preta.

Tais estereótipos da mulher negra são imagens de controle “[...] traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (Collins, 2019, p. 136). Acerca disto, a autora Hooks acrescenta:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da idéia de que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (hooks, 1995, p. 469).

Estas representações estereotipadas passaram a fazer parte da produção literária ocidental, particularmente, a começar do século XIX. Os negros foram relacionados ao mundo natural, em virtude de seus aspectos biológicos e físicos, que eram tidos como “animalescos”. Às mulheres negras foram conferidas as funções de reproduzir “a raça e a espécie”. Além destas funções, a mulher negra era obrigada a ter relações com seu senhor branco.

Ainda cabe ressaltar que esta mulher tinha seu filho preto tomado, para amamentar e criar o filho branco de seu senhor, de forma passiva ela passava a amar a criança branca como fosse a sua. Esse procedimento de adoção “forçada” foi romantizado durante séculos. A imagem criada em torno disso, faz emergir a figura da mãe preta, que na verdade, veio para ocultar as barbaridades cometidas pela sociedade branca escravocrata. Acerca desta imagem Patrícia Hills Collins diz:

A primeira imagem de controle aplicada às mulheres negras estadunidenses é a mammy – a serviçal fiel e obediente. Criada para justificar a exploração econômica das escravas domésticas e mantida para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico, a imagem da mammy representa o padrão normativo usado para avaliar o comportamento das mulheres negras em geral. Ao amor, alimentar e cuidar dos filhos e das “famílias” brancas melhor que dos seus, a mammy simboliza as percepções do grupo dominante sobre a relação ideal das mulheres negras com o poder da elite

masculina branca. Mesmo que seja querida e tenha autoridade considerável em sua “família” branca, a mammy conhece seu “lugar” como serviçal obediente. Ela aceita sua subordinação (Collins, 2019, p. 140).

Embora a autora estivesse abordando a questão das escravas domésticas nos Estados Unidos, o fenômeno exploratório não é distinto daquele que ocorreu no Brasil. A figura da mammy corresponde perfeitamente à figura da mãe preta. Ambas tiveram seus corpos utilizados tanto para o trabalho escravo quanto para escravidão sexual. Também neste trabalho, abordaremos os três estereótipos, um a um, conforme suas especificidades e pretendemos demonstrar as relações que eles mantêm entre si, pois veremos que na prática, os mitos em torno deles são ressignificações romantizadas criadas pelo colonizador para abrandar a imagem das violências cometidas, em especial, o mito da mãe preta.

Portanto, para uma melhor leitura e análise da temática da maternidade negra na obra de Mello Moraes Filho, resgataremos o contexto histórico e social da escravidão no Brasil que, por conseguinte, motivou o surgimento do movimento abolicionista, sendo este formado por diversos setores sociais, inclusive intelectuais, como o poeta Moraes Filho.

1 BREVE HISTÓRICO DA ESCRAVIDÃO E DA POESIA ABOLICIONISTA

De acordo com a dramaturga, poetisa, ensaísta e professora Leda Maria Martins declara em seu livro *Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá*, que vários africanos foram arrancados de sua terra e trazidos violentamente por meio da *Diáspora Negra*. Além da violência física, eles foram violados culturalmente, tendo seus corpos invadidos pelos códigos linguísticos, sistemas religiosos e culturais do europeu.

Os africanos transplantados à força para as Américas, através da Diáspora negra, tiveram seu corpo e seu *corpus* desterritorializados. Arrancados de seu *domus* familiar, esse corpo, individual e coletivo, viu-se ocupado pelos emblemas e códigos do europeu, que dele se apossou como senhor, nele grafando seus códigos linguísticos, filosóficos religiosos, culturais, sua visão de mundo. Assujeitados pelo perverso e violento sistema escravocrata, tornados, estrangeiros, coisificados, os africanos que sobreviveram às desumanas condições da travessia marítima transcontinental foram destituídos de sua humanidade, desvestidos de seus sistemas simbólicos, menosprezados pelos ocidentais e reinvestidos por um olhar alheio, o do europeu. Esse olhar, amparado numa visão etnocêntrica e eurocêntrica, desconsiderou a história, as civilizações e culturas africanas, predominantemente ágrafas, menosprezou sua rica textualidade oral [...] a África aparecia no imaginário europeu como o território do primitivo e do selvagem que se contrapunha as ideias de razão e de civilização, definidoras da pretensa “supremacia” racial e intelectual [dos europeus] (Martins, 1997, p. 24-25).

Entre os séculos XV e XIX, estima-se que cerca de 10 milhões de negros foram levados para as Américas. Para o Brasil teriam sido levados por volta de 3.650.000, que eram oriundos de várias “nações”, ou grupos étnicos, com culturas diferentes. Ao chegarem em terras brasileiras, os escravos eram distribuídos nas seguintes atividades laborais: agricultura, ofícios urbanos e nos serviços domésticos.

Os negros que trabalhavam no campo, cultivavam para exportação de produtos tais como: café, açúcar, fumo e algodão. Ainda cabe ressaltar que estes também eram incumbidos de fazer a extração de metais preciosos. Tanto na lavoura quanto nas minas, era comum os escravos trabalharem até 14 ou 16 horas por dia expostos a qualquer condição climática. Além disso, alimentavam-se e vestiam-se mal, as senzalas superlotadas, onde ficavam amontoados.

Nestas habitações, devido às péssimas condições sanitárias, muitos negros eram acometidos de doenças como: verminose, tifo, sífilis, tuberculose e malária. Isso explica o porquê do ciclo de vida de um escravo era tão curto, variando de sete a dez anos. Ainda cabe acrescentar que o excesso de trabalho, a falta de cuidados médicos e os castigos sofridos, também contribuíram para o breve tempo de vida dos negros.

Aqueles que possuíam ofício, trabalhavam em carpintaria, ferraria, construção, moagem da cana e preparação do açúcar, dentre outros. No século XIX, muitos negros de ofício atuaram como operários nas primeiras fábricas brasileiras, também nesta época havia duas modalidades de escravos nas cidades: os de aluguel e os de ganho. O primeiro era alugado a terceiros para prestar os mais diversos serviços; já o segundo, procurava serviço nas ruas, atuando como vendedor ambulante, por exemplo, sob a condição de que os ganhos obtidos fossem repartidos com seus senhores.

Quanto aos negros domésticos, selecionados entre os mais “sociáveis”¹, zelavam por todo o serviço das moradias urbanas e das casas-grandes em tarefas como: retirar o lixo, transportar seus senhores em cadeiras² e carregar a água. Dentre os negros que realizavam serviços domésticos, destaca-se a figura da mãe preta ou ama-de-leite, sobre a qual abordaremos especificamente mais adiante.

Todo este cenário de sofrimento vivido pelos negros, motivou o surgimento de movimentos abolicionistas em várias partes do Brasil na segunda metade do século XIX, por meio da criação de associações abolicionistas. Cabe observar que os movimentos abolicionistas eram formados por pessoas de distintas classes sociais. Tais movimentos

¹ Tido como civilizados, dóceis, amáveis e submissos.

² Também carregavam fardos (bagagem, carga) e seus senhores em redes.

foram tão contagiantes que permearam até o meio poético, dando origem à poesia abolicionista, cujo o ícone é Castro Alves³, o qual foi mestre de Mello Moraes Filho.

Moraes Filho nasceu em 1844 na cidade de Salvador, Bahia, passou por problemas para finalizar os estudos em virtude da morte de seu pai. Ingressou em um seminário e mais tarde, em 1867, retornou à cidade natal para ordenar-se padre. Nesse período, experimentou a emergente poesia abolicionista, conhecendo aquele que viria a ser seu mentor, Castro Alves. O poeta voltou para o Rio de Janeiro, local em que começou a manter-se com dificuldades realizando trabalhos relacionados à literatura e ao jornalismo, vindo a falecer em 1919.

Sua obra *Cantos do Equador*⁴ contém, na terceira parte – “Poemas da Escravidão” – diversas poesias acerca de amas-de-leite, mães-escravas e mães de criação. As poesias de Moraes Filho denunciam castigos e sofrimentos vivenciados pelos escravos, inclusive, as dores e as violências pelas quais as mulheres negras passavam cotidianamente.

2 ESTERÍOTIPOS DA MULHER NEGRA

Tanto no imaginário social quanto na literatura brasileira, a mulher negra, conforme postulado por Freire (2005), aparece como três figuras míticas: *a mulata*, *a mucama* e *a mãe preta*. Tais figuras foram forjadas a partir do racismo e do sexismo, os quais delimitaram a mulher estas tipificações. A mulata era vista como uma figura disponível para saciar o desejo lascivo de seu senhor, figura objetificada, sexualizada, sobre a qual recaía exacerbada violência sexual, conforme expressa Sônia Fátima da Conceição no poema *Passado Histórico*.

Do açoite
da mulata erótica
da negra boa de oito⁵
e de cama
[...] (Fátima, 1998, p.67)

A diegese que justifica tal atrocidade é que os negros, em especial as mulheres, são libertinas por natureza, sendo capazes de corromper a sexualidade de seu senhor branco. A consequência disto é a imputação de culpa à própria mulher negra pela

³ Poeta brasileiro pertencente à terceira geração do romantismo no Brasil. Em sua poesia expressou os vários problemas sociais existentes em sua época.

⁴ Livro de Mello Moraes Filho que é dividido em três partes: sertões e florestas, nocturnos e fantasias, poemas de escravidão.

⁵ Plantação onde os escravos trabalhavam.

volúpia de seu corpo. O autor Freyre desconstrói este discurso, revelando o que de fato ocorria:

Não eram as negras que iam esfregar-se pelas pernas dos adolescentes louros, estes é que, no sul dos Estados Unidos, como nos engenhos de cana do Brasil, os filhos dos senhores, criavam sedes de pequenos para garanhões, ao mesmo tempo que as negras e mulatas para “ventres geradores” [...] É verdade que lá como aqui não faltou quem, confundindo resultado e causa, responsabilizasse a negra e seus “strong sex instincts” e principalmente a mulata – “the lascivious hybrid woman” – pela depravação dos rapazes brancos. Entre nós, já vimos que Nina Rodrigues considerou a mulata um tipo anormal de superexcitada sexual [...] nós, uns inocentinhos: elas, uns diabos, dissolvendo-nos a moral e corrompendo-nos o corpo (Freyre, 2005, p. 461).

A mucama era mulher negra, geralmente jovem, selecionada para a realização de serviços domésticos e ser amante de seu senhor, ou seja, além de ser escravizada para executar tarefas domésticas, era escravizada sexualmente. Apesar do termo mucama, arcaico na língua portuguesa, significar *doméstica*, sua origem remonta à palavra *mukuma*, da língua quimbunda⁶, que significa *concubina*. Portanto, podemos dizer que a mucama acumulava funções domésticas e sexuais.

O argumento da sociedade escravista usado para legitimar a exploração e objetificação da mulher negra, era que se ela servisse como mucama aos seus senhores brancos, seria menos escrava que os outros negros, ou seja, a escrava ganharia um suposto espaço hierárquico abaixo de seus senhores e acima dos outros negros, conforme resume Darcy Ribeiro:

A verdadeira glória, porém, só alcançava a preta tirada do eito - e assim quase alforriada da condição real de escrava-massa - passa a ser adorno e como tal servir de mucama do senhor e da senhora (Ribeiro, 2001, p. 41 *apud* Santos, 2023, p. 80).

Para explicar essa dualidade de funções das mucamas, a autora Lélia Gonzalez unifica as duas figuras míticas do imaginário coletivo em uma só pessoa, isto é, a mulher negra é mulata e mucama. Contudo, na visão da autora, estas categorias mitológicas são exercidas em espaços alternados, e não ao mesmo tempo. Tais espaços são metamórficos, neles a mesma mulher negra figura de forma diferente, em um ela é glorificada, enquanto no outro é depreciada.

A figura de mulata ou empregada doméstica emergirá a depender do contexto em que somos vistas. A mulata é a representação da mulher negra no Carnaval: é a rainha da avenida, cobiçada, desejada e erotizada, ou seja, a “mukama” que deve ser objeto sexual. Fora desse espaço festivo permitido, essa mulher negra outrora

⁶ O quimbundo não é a língua oficial, entretanto, é um dos idiomas nacionais mais falados em Angola.

desejada se transfigura na empregada doméstica, ou seja, a “mucama” do dicionário oficial, que é “o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas” (Gonzalez, 1984, p. 230).

Além de suportar o abuso e a violência sexual por parte de seu senhor, a mucama ainda tinha que suportar a senhora branca, que tinha o papel sexual exíguo e sempre ocupada com a administração da casa. Também, monitorava a escrava doméstica, exercendo uma função de “feitor feminino” que, de acordo com a estudiosa Giacomini (1988), era retratada como sendo violenta, ciumenta e sádica.

As senhoras brancas, muito mais que xigar e gritar com as mucamas, utilizavam meios cruéis para castigá-las, tais como o chicote e a palmatória. Aquelas que eram objeto de devassidão dos maridos, eram castigadas “[...] nas partes identificadas ao seu poder de sedução: bunda, dentes, orelhas e face” (Deiab, 2006, p. 40).

Por fim, o terceiro elemento desta composição mítica é a mãe preta. Esta, segundo Santos, (2023) é o desdobramento da figura da mucama, a qual está vinculada às qualidades de passividade e docilidade. A mãe preta é representada por uma mulher negra anciã que exerce a função materna. Ademais, atributos como lealdade, subserviência e resignação eram marcantes nestas mulheres.

Cabe mencionar, que as mães pretas exerciam cuidados sobre os filhos de seus senhores, isto é, as crianças não ficavam sob o cuidado da mãe biológica, esta desempenhava apenas o papel de esposa. As mulheres negras, a quem era concedido o ingresso à casa grande, ocupavam lugares de destaque, eram amas-de-leite e de criação, convivendo de maneira íntima com os filhos de seus senhores.

A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos – amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos, mas o de pessoas de casa. [...] Quanto às mães pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais. Alforriadas, arredondavam-se quase sempre em pretalhonas enormes. Negras a quem se faziam todas as vontades: os meninos tomavam-lhe a benção; os escravos tratavam-nas de senhoras; os boleeiros andavam com elas de carro. Em dia de festa, quem as visse anchas e enganjentas⁷ entre os brancos da casa, havia de supô-las senhoras bem-nascidas; nunca ex-escravas vindas da senzala (Freyre, 2005, p. 435).

O construto mítico da mãe preta repousa, geralmente, sobre uma figura de uma senhora “velha, corpulenta, supersticiosa e fervorosamente católica [...], não despertava

⁷ O mesmo que vaidosas, orgulhosas.

qualquer perigo de degradação moral da família através da cópula com o senhor ou “sinhôzinho” brancos [...]” (Roncador, 2008, p. 131). Outrossim, a mãe preta possuía caráter de fidelidade, tendo mais devoção às diligências da casa grande, do que às predileções da própria senzala. É claro o afastamento diametral desta figura mítica da escrava fiel do escravo selvagem, revoltado e vingativo. Este é descrito por Brookshaw (2012) como Escravo Demônio, fugitivo ou quilombola, que deu as costas para a tutela do senhor branco, corroborando, desta forma, a sua selvageria.

O mito literário da mãe preta como sendo ama de leite, ou ama de criação, que permeou o imaginário social até século XIX, apresenta um tipo de mulher que não possui revolta ou ódio de ter seu filho recém-nascido arrancado de seus braços. Entretanto, esta mulher escravizada tem um prazer devocional no ato de amamentar o filho branco de seu senhor. Tal idealização não encontrou espaço no discurso abolicionista, conforme declara a autora Sônia Roncador quando diz: “[...] essa versão feminina, maternal do Escravo Fiel se tornou um tanto quanto marginal no discurso abolicionista [...]” (Roncador, 2008, p. 131).

Na verdade, a construção literária dessa figura mítica, contribuiu para ocultar as mazelas sociais e os sofrimentos físicos e psicológicos sofridos por estas escravas, contudo, há autores contemporâneos a estas mulheres negras escravizadas, que deram voz a elas, em suas obras, um deles, Mello Moraes Filho, cuja obra é objeto de análise do presente artigo.

Sendo assim, a seguir faremos uma leitura analítica dos poemas de escravidão, que compõe a terceira parte do livro *“Cantos do Equador”*, onde Moraes Filho da voz a estas mulheres silenciadas por homens brancos escravocratas, que dominavam seus corpos, fazendo delas o que bem entendessem. Mulheres objetificadas, desumanizadas e animalizadas por seus senhores.

3 MÃES PRETAS: VOZES SILENCIADAS

Identificadas porém à vida na escravidão, algumas dessas pobres criaturas chegaram mesmo a idolatrar seus algozes; algumas d’ellas foram dedicadas em extremo; e, sem poderem erguer francamente os olhos, bemdiziam aquelles que lhes davam o pão para alimento e o duro trabalho para amenidade de suas vidas. Mãe preta foi uma dessas criaturas; sua vida porém não deve ficar no olvido, pois que symbolisa a existência de um’alma dotada de sentimentos extraordinariamente nobres⁸ (Junior, 1888, p. 167).

⁸ A ortografia original deste folhetim de 1888 foi preservada.

Estas palavras de reconhecimento e afeição por uma ama negra, extraídas de um folhetim cujo título é *Mai Preta*, não caracteriza a figura habitual dos escravos nos textos literários brasileiros da segunda metade do século XIX, os quais, eram norteados pela temática abolicionista, e sim reforça o mito da mãe preta, em um tempo em que a escravidão, particularmente a doméstica, era comumente vinculada ao risco de “*infecção moral*” dos prestigiados costumes e valores senhoriais. Tal risco é exposto pelo periódico feminino oitocentista, *O Mentor das Brasileiras*:

se a infância de nossos pais portugueses era mal dirigida, a nossa ainda hé peor pela mistura de escravos, os quaes depravão habitos e costumes e o proprio idioma; pois nos communicão suas ideas e barbaridades desde os primeiros momentos em que se desenvolvem as potencias d’alma. [...] Nos entregão as amas que são pretas, commumente escravas e também africanas. Daqui se pode colher qual sera a prática dessas amas, e a influencia dellas sobre as crianças (Giacomini, 1988, p. 49-50).

Este risco associado à criação de filhos de senhores por amas negras não inibiu, e muito menos contribui, para o fim da existência da figura da mãe preta, pelo contrário, segundo Giacomini (1988) o contato íntimo como os filhos de seus senhores brancos concedia a ela “*status*” de *agente corruptor*, uma espécie de espaço privilegiado. Este lugar, é na verdade, uma construção simbólica, mítica, que ao mesmo tempo que exalta, esconde as crueldades praticadas por seus senhores brancos.

A verdade é que as mães pretas, como toda mulher negra escravizada, não possuíam domínio de seu próprio corpo, muito menos de sua voz. Elas foram silenciadas pela sociedade escravocrata, todavia, encontraram lugar de fala na poesia de Mello Moraes Filho. Na terceira parte da obra *Cantos do Equador*, Moraes Filho escreve os poemas de escravidão, neles o autor dá voz a estas mulheres e revela o cotidiano dessas escravas do século XIX.

Neste trabalho destacamos excertos dos poemas em que o eu lírico fala da maternidade e sofrimentos destas mulheres negras escravizadas. No poema *Partida de escravos* há um trecho que relata a venda dos filhos de uma escrava pelo seu senhor, a mãe, em uma medida de desespero, tentou ser vendida no lugar de seus filhos, contudo, sem êxito.

Chegou o fazendeiro; olhou os negros,
E no ajuste entrou.
P’ra sempre acorrentada – a liberdade
Inda uma vez chorou

Um colloquio se deu; e, lacrimosa,
Á porta, uma mulher
Implora de joelhos: – « Meu Senhor,
Venda a mim, si quiser! »



– «São a crianças lindas.
Vêdes? a escrava é boa;
Vendo-as por qualquer preço,
Vendo-as por cousa a tôa.
Traze teus filhos, negra! »
« Só dois? pergunta um d'elles. Os outros?
É negócio.
Aquelles? sim... aquellos?
[...]
Eu fico com os moleques
Que não servem pr'o eito.»
[...]
o vendedor de escravos
Em pagaI-os se occupa;
Os toma e do cavallo
Suspende-os á garupa
(Moraes Filho, 1881, p. 109-110).

Depois de serem comprados, os filhos da escrava são levados embora. A mãe os acompanha com o seu olhar sem nada poder fazer. Apesar desta mulher estar muda e contrita, ela comunica a sua aflição e revolta debatendo o corpo e enfiando as mãos a boca. Gestos inúteis em face da violação do direito natural de ser mãe biológica de seus filhos pretos.

N'um círculo de fogo
Acaso o escorpião
Já viste s'estorcendo
E s'enroscando em vão?
E n'essa luta infrene⁹,
Suprema, enfurecida,
Á si mesmo voltando
O dardo suicida?

Assim a mãe captiva
Se debatia afflicta;
Depois, hirta, perplexa,
De pé, muda, contricta,
Retoma um gesto horrendo...
Enfia as mãos á bocca...
Coitada! A pobre escrava
Tinha ficado louca! ...
(Moraes Filho, 1881, p. 110).

Essas passagens, através da poesia, contam a história de uma mãe preta, a quem foi negado o direito de conviver com os próprios filhos, essa ruptura implica na manutenção da escravidão. Laços ancestrais são cortados e os novos são vinculados à

⁹ Descontrolada.

família senhorial por meio seus herdeiros.¹⁰ Também cabe ressaltar, que mesmo o mito literário da mãe preta apresentando uma figura alegórica, que não demonstra qualquer insatisfação por ter seus filhos tomados, o poeta Moraes Filho revela justamente ao contrário, conforme vimos no trecho supracitado. Para a autora Rita Laura Segato, essa “maternidade transferida” que vem ocorrendo desde o tempo colonial e tece uma crítica acerca da ausência de trabalhos e reflexões quanto a esse tema.

A prática da maternidade transferida e o tipo de relações nela certamente originadas, tanto a partir perspectiva daqueles favorecidos pelo serviço como daquelas que o prestaram ao longo de quinhentos anos de história ininterrupta têm rastro nas Letras, mas se encontra ausente das análises e das reflexões. A baixíssima atenção a ela dispensada na literatura especializada produzida no Brasil destoia com a enorme abrangência e profundidade histórica desta prática e o seu forçoso impacto na psique nacional (Segato, 2006, p. 05).

Esta prática da maternidade transferida exposta pela autora Segato, manifesta-se igualmente no poema *Ama de leite*. Nele, os antigos senhores brancos, fazem uma espécie de propaganda do produto, que é a escrava recém chegada para os novos senhores. Podemos perceber tal promoção pelos predicativos utilizados, tais como: carinhosa e sabe agradecer.

[...]
Sabe agradecer criança, afirmo; é carinhosa,
[...]
– Seu filho? "
A pobre escrava, s'entristecendo toda, Murmura:
« Meu senhor, meu filho foi pr'a roda¹¹» (Moraes Filho, 1881, p. 112).

A escrava afirma que o filho foi para a roda, este fato, era muito comum naquela época, pois, muitas mães negras eram forçadas por seus senhores a deixarem seus filhos negros na roda, ou, os próprios senhores brancos os tomavam dos braços das mães negra e, eles mesmos levavam para roda, ou mandavam um terceiro fazer esse serviço. Tudo

¹⁰ Apesar do poeta não deixar explícito que escrava foi levada para casa grande para servir como ama de leite, é possível inferir que isso possa ter ocorrido em virtude de ser uma prática historicamente muito comum.

¹¹ Ou “roda dos expostos” tem sua origem na Europa Medieval no século XIII. Sua concepção foi engendrada para solucionar o problema de abandono de recém-nascidos. Não poucas as mães solteiras, mulheres e famílias em extrema pobreza, que utilizavam esse recurso para deixar a criança em um lugar onde pudessem ser acolhidos e bem cuidados.

A roda era um cilindro feito de madeira instalado no muro ou fachada de instituição de caridade, convento ou hospital. A pessoa que abandonava ou a própria mãe colocava o bebê dentro da roda, girando-a para o lado de dentro, a fim de que a criança fosse transportada para o interior da instituição. Tal procedimento preservava a identidade de quem deixava a criança, reduzindo, dessa forma, o estigma social. Em Portugal esse modelo chegou no século XVIII, sendo também implantado nas colônias portuguesas, inclusive no Brasil.

isso tinha um único propósito: fazer da escrava mãe preta de criança branca como expõe Giacomini:

Para que a escrava se transformasse em mãe-preta da criança branca, foi-lhe bloqueada a possibilidade de ser mãe de seu filho preto. A proliferação de nhonhôs implicava o abandono e a morte dos moleques (Giacomini, 1988, p. 58).

Ainda nesta mesma poesia, não pode deixar de ser observado, que o contexto se trata do aluguel de uma ama de leite, que foi anunciado no jornal, isto é, a escrava é o produto a ser alugado para outros senhores brancos. Como já vimos no primeiro tópico deste trabalho, no século XIX era comum o aluguel de escravos a terceiros nas grandes cidades.

Vinham bater à porta, vinham pessoas vel-a:
Era preta e retinta: a estatura, d'ella
Não era alta; os modos eram gentis, ufanos¹²,
Mostrava apenas ter dezoito a vinte annos.
– « Não foi aqui, pergunta alguém que a pretendia
Que annunciou-se um'ama? – reza¹³ o *Jornal do dia*. »
– « É certo, sim senhor; de dentro brada antiga
Matrona, e se levanta. Olá! ó rapariga¹⁴!
Vem cá na sala, vem. Póde sentar-se. É viva
No serviço da casa. Não é forra¹⁵, é captiva.

É bom experimental-a; depois, d'ella não mude:
Que certifique o medico, si goza ou não saúde.
Engomma, lava e cose; p'ra tudo ella é geitosa;
Sabe agradar criança, affirmo; é carinhosa,
Como bem poucas ha.
Emquanto aos alugueis,
O menos, é barato: são sessenta mil réis » (Moraes Filho, 1881, p. 111-112).

Ademais, este poema de Mello Moraes Filho, desconstrói o mito que a mãe preta, ou ama de leite, é uma mulher velha, pois, o autor descreve a escrava uma jovem de entre 18 e 20 anos, isto é, este perfil nada tem a ver com aquele que habitava o imaginário social, conforme descreve a autora Roncador (2008), uma escrava anciã corpulenta, supersticiosa, diligentemente católica e incapaz de ter relações sexuais com seu senhor.

Apesar de a escrava alugada ser uma ama de leite, seu perfil é mais próximo do estereótipo da mucama. Ainda cabe lembrar, que a mãe preta, de acordo com Santos (2023) é o desdobramento da figura da mucama.

Geralmente, a mãe preta era uma mulher negra jovem, com filhos recém-nascidos que eram levados e abandonados. Dessa forma, a mãe preta passava a amamentar e criar

¹² O mesmo que altivos, jubilosos ou vaidosos.

¹³ O mesmo que diz o jornal.

¹⁴ Mulher jovem ou mulher que tem relações com homem casado.

¹⁵ Vingativa.

os filhos brancos de seus senhores. Quando a mãe preta morria, era sucedida por suas filhas e netas, formando assim, uma linha sucessória de escravidão, como descreve o narrador da obra *Menino de engenho*:

[...] Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão. As suas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos (Rego, 1996, p. 38).

Esta sucessão apresentada pelo autor José Lins do Rego aparece no poema *os filhos de Moraes Filho*. Entretanto, a sucessão não é de quem serve, e sim de quem é servido. O poema começa com um senhor vendendo a mãe e dos dois filhos. O texto descreve a dor da mãe que durou três longos anos. Inclusive a própria escrava culpa a si mesma por ter sido mãe, todavia, ao mesmo tempo reconhece que é requisito da condição de ser escrava também ser mulher de seu senhor.

Elle vendêra a escrava e mais as duas crias;
Uma, depois da lei, só tinha quinze dias.
Estatua do infortunio, a dôr mais cruciante
Que a misera levára ao seio agonisante
[...]
Tres longos annos, sim! de pranto e de martyrios
Ella os curtiu sem treguas: – ella com seus delírios!
– « Fui mãe, eis o meu crime; a conclição o quer:
Não é serviço á escrava o ser tambem mulher?!... (Moraes Filho, 1881, p. 115).

Nestes últimos versos é nítida a culpabilização da escrava por ser mãe, jamais ela culpa seu senhor, que além de ter seu corpo explorado por meio do trabalho, seu corpo é explorado por meio do sexo, para satisfazer o desejo lascivo de seu senhor. Os frutos destes abusos foram dois filhos, os quais foram vendidos no início do poema. A mãe, que também fora vendida, passou a ser escravizada por outro senhor, que dá início a sucessão exploratória: ele sucede o primeiro senhor, depois os filhos, os netos e os filhos dos netos, ou seja, após ser vendida, só seria liberta na quarta geração, depois da morte dos netos. Tal disposição foi deixada em testamento conforme revelam os versos a seguir:

«Aqui tens teu papel, o preço está marcado,
Pr'a as crianças... Qué a ti eu tenho destinado
Que ficas fôrra¹⁶. Espera, espera o teu momento,
Por morte de meus netos... Já fiz meu testamento. »

E quando ella sahira, horrenda de máu trato,
Uma criança ao collo, outra sustendo um prato,

¹⁶ Alforrida, liberta, livre da escravidão.

Aonde a compaixão errante da cidade
Redime o captivo aos pés da caridade (Moraes Filho, 1881, p. 116).

Quando este dia da alforria chegou, após a morte dos netos, ela estava velha, fraca, desgastada, maltratada pelo tempo. Sem forças para trabalhar e sem bens ou meios para se sustentar, foi pedir esmolas nas ruas. O mais intrigante é que o poeta não revela a origem das duas crianças: a que está no colo e a outra que segura o prato; contudo, podemos supor que sejam filhos de seus últimos senhores, provavelmente os filhos dos filhos dos netos.

Um dia aparece seu primeiro senhor, o qual a vendera. Mesmo fraca e quase sem forças ela pediu esmola ao antigo senhor para libertar os filhos dele, frutos de uma violação ao corpo de uma mulher negra e jovem, que ainda não havia sido castigado pelo tempo e pelo sucessivo sofrimento, aqueles vendidos com ela no início do poema. conforme mostram os versos a seguir:

Ella o encontrára, e elle empalleceu de assombro;
Abaixa-se ao mais velho, os dois erguendo ao hombro,
Com voz já quasi extincta e os olhos já sem brilhos:

«Esmola, meu senhor! p'ra libertar seus filhos» (Moraes Filho, 1881, p. 116).

Em *mãe de criação*, o poeta por meio de seus versos, conta a história de uma escrava, cujo filho morrera quando ela era jovem, que criou o filho de sua senhora. A mulher negra teve todos os cuidados e amor de mãe, de fato ela o adotara como se fosse seu. Isso é evidenciado não só pela descrição da relação de amor maternal contida ao longo do poema, como também pela declaração contida no último verso, que é o ápice do poema: “O consagrara filho duas vezes”.

Era já vélha a misera pretinha;
Tão extremosa como as mães que o são:
Era escrava, porém que amor que tinha
Áquelle a quem foi mãe de criação!

Cuidava tanto delle... Quando o via
Dos estudos chegar, chegar-se á ella,
Parece que a ventura se embebia,
Como um :raio de luz, nos seios della.

Seu filho lhe morrera em tenra infancia...
A sorte do captivo é a dos revezes;
Ella o criára, e d'alma n'abundancia
O consagrara filho duas vezes (Moraes Filho, 1881, p. 125).

Depois de muito tempo, quando já seu filho de criação já crescera e havia se tornado adulto, seus senhores quiseram libertá-la, porém, ela não quis ir, tomou como ofensa e não partiu, a fim de que não se afastasse do filho que lhe fora dado. Aqui, fica claro o

apego sentimental e psicológico da escrava ao filho de seus senhores. Esta mãe preta jamais se apartaria de seu filho, na verdade, esta personagem representa muitas amas de leite cujos filhos negros morreram em tenra idade e o vazio foi preenchido por esta crianças brancas.

Quizeram liberta-la; a liberdade
Tomou como uma offensa e não cedeu;
Depois: – Minha senhora, é caridade
Não me apartar do filho que me deu. "

Scismava alegre tanta scima vaga,
Pedia a Deus por elle tanto, tanto,
Que só de crêl-o auzente era aziaga
A hora que o furtava ao seu encanto (Moraes Filho, 1881, p. 126).

Para Sonia Maria Giacomini, o fato da existência das “mães-pretas” revela mais um aspecto da expropriação da senzala pela casa-grande, pois, além dessas mães terem seus corpos apropriados por seus senhores brancos da elite escravocrata, elas têm sua maternidade escrava negada, tendo seus filhos tomados ou mortos, conforme ela mesmo diz:

A existência das ‘mães-pretas’ revela mais uma faceta da expropriação da senzala pela casa-grande, cujas conseqüências inevitáveis foram a negação da maternidade escrava e a mortandade de seus filhos (Giacomini, 1988, p. 58).

Outro aspecto a ser considerado, é que este comportamento da personagem de querer ficar com seus senhores, mesmo eles querendo libertá-la, era comum entre as escravas no século XIX. Isso fortalecia o estereótipo do escravo fiel descrito por Brookshaw, todavia, ao mesmo tempo, esta atitude pode ser a ocultação do real motivo: o temor da miséria.

Embora o poema deixe claro a razão da insistência da mãe preta em querer permanecer com seus senhores, sob a luz da história, sabemos que os escravos não tinham direitos trabalhistas e muito menos previdenciários, aliás direito algum. Uma vez alforriados, já não tinham saúde e nem forças para trabalhar, pois, em sua grande maioria, estava em idade avançada, logo, só lhes restava viver em estado de miséria, dependendo da caridade alheia. Isso pode ser verificado no próprio fragmento do poema supracitado *os filhos* do autor Moraes Filho:

«Aqui tens teu papel, o preço está marcado,
Pr'a as crianças... Qué a ti eu tenho destinado
Que ficas fôrra¹⁷. Espera, espera o teu momento,
Por morte de meus netos... Já fiz meu testamento. »

E quando ella sahira, horrenda de máu trato,

¹⁷ Alforrida, liberta, livre da escravidão.

Uma criança ao collo, outra sustendo um prato,
Aonde a compaixão errante da cidade
Redime o cativo aos pés da caridade (Moraes Filho, 1881, p. 116).

Mesmo depois da abolição da escravidão no Brasil em 1888, os negros continuaram desamparados, pois foram abandonadas as propostas de abolicionistas como as de Patrocínio, Nabuco e Rebouças, que tinham por objetivo fazer do negro um cidadão. Tais propostas eram: assistência econômica e social, acesso à educação, ampliação do direito à participação política¹⁸ e distribuição de terras para ex-escravos, as quais não foram adotadas pelo governo.

Dessa forma, os negros que viviam das fazendas, em sua grande maioria, foram expelidos sem nenhum amparo social, sem moradia ou meio de sobrevivência, totalmente desguardados socialmente. Aqueles que não foram expulsos das fazendas, insistiram em ficar como revela a narrativa do autor Lins Rego, que afirma ter conhecido umas quatro, que forma morrendo de velhas.

Restava ainda a senzala dos tempos do cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão¹⁹ (Rego, 1996, p. 38).

Tal narrativa, expressa a situação das mães pretas, que não tinham os meios de subsistência para prosseguir suas vidas como cidadãs. Não sabiam ler, nem escrever e nem tinham formação ou ofício diferente das atividades que já realizavam enquanto eram cativas, seja nas fazendas ou nas cidades. Isso é corroborado pelos autores Melo e Souza quando dizem:

Dessa maneira, essas mulheres, sem meios de sobrevivência e sem o Estado para lhes proporcionar direitos mínimos e inerentes à dignidade humana, continuam condicionadas a única ocupação possível: o trabalho doméstico [...] na casa dos senhores (Melo e Souza, 2022, p. 116).

Portanto, é plausível que o receio das mães pretas de viver em tais circunstâncias, fizesse com que elas recusassem a liberdade para continuarem a ser escravas sob o pretexto de continuarem a estar próximas dos filhos brancos de seus senhores, pois, se a liberdade tem o preço da miséria plena, manter-se escrava tem o preço da exploração e violência, ambas sem limite. Tal prognóstico pode ser constatado no poema *mãe de criação*.

¹⁸ A Constituição de 1824 conferiu o direito aos ex-escravos de votarem somente nas eleições de 1º grau. Com o fim da escravidão em 13 de maio de 1888, os negros obtiveram o direito de votar, entretanto, antes da abolição da escravatura, em 1881 houve a reforma eleitoral do império, também conhecida como Lei Saraiva, a qual aboliu o voto do analfabeto. Logo, em 1888, tínhamos uma massa populacional de negros que não podiam votar porque eram analfabetos.

¹⁹ Embora a obra seja de 1932, o tempo da narrativa parte de uma época anterior 1888, ano da abolição da escravidão, até o período pós-abolição, a prática é a mesma dos tempos pré-abolição da escravatura.

Nele a escrava, já idosa é agredida por seu próprio senhor branco, seu filho de criação, e cai de boca no chão conforme consta no seguinte fragmento:

Mas os tempos passaram; tudo acaba;
Nem no sonho feliz o foi sequer!
Ha filhos-reptis que cospem baba,
Lethal veneno a um seio de mulher.

Elle o fizera. Áquella que os vagidos
De seu berço acudiu, ó mães. bondosas,
Que velára, acalmando os seus gemidos
De criança, nas noites dolorosa,

Levou-lhe ao rosto a mão de matricida!
A pobre velha lá mordeu o chão:
– « Com meu sangue de escrava dei-lhe a vida...
Á seus pés, meu senhor... perdão! Perdão!» (Moraes Filho, 1881, p. 126).

A violência realizada por seu próprio filho de criação, é descrita pelo poeta de maneira alegórica, metaforicamente ele o chama de filho-réptil que cospe baba cujo veneno é letal. É provável que este réptil a que o autor esteja se referindo seja o dragão-de-komodo.²⁰ Ao fazer esta metáfora, o autor alude à letalidade do veneno da saliva do animal cuja mordida é mortal. A morte, neste caso, é figurada, significa que o sentimento materno cessou. Outrossim, além da metáfora, o autor faz uso da sinédoque quando diz: “seio de mulher” ao se referir a ama de leite.

Portanto, o que o poeta expressa, é que a mãe preta criou e amou, dedicando seu tempo, sua saúde e juventude, a um filho que não era dela mas de sua senhora branca, sendo que mais tarde, o mesmo que veio a agredi-la, quando já era senil, tratando-a como escrava e não como mãe, ou seja, ela o considerava como um filho, porém, ele não a tinha como sua mãe.

4 CONCLUSÃO

Os negros trazidos do continente africano para as américas, de maneira forçada e com brutal violência, já não tinham mais domínio sobre seus próprios corpos, que passaram a ser de seus senhores. Tiveram arrancados seus códigos, culturas e valores, os quais os vestiam, ficando conseqüentemente nus. Dessa forma, seus corpos ficaram expostos, sendo vilipendiados pelos colonizadores. Seus corpos foram usados como mão de obra para trabalhos pesados e penosos, neste contexto, a mulher negra, especialmente, não teve seu corpo utilizado apenas para o trabalho, mas também para dar prazer ao seu senhor branco.

²⁰ Acreditava-se que a saliva cheia de bactérias do dragão de komodo matava a vítima após sua mordida, porém, hoje já se sabe que o que realmente mata é o veneno que ele produz, que é semelhante à de outros répteis.

Isso, porque na visão da sociedade escravocrata, a mulher negra é libertina, sendo capaz de corromper sexualmente o senhor branco, desse engenho surge a figura da mulata, dotada de extrema beleza e sedutora por natureza, todavia, na verdade, ela era a vítima da lascívia de seu senhor. Além disso, muitas vezes, as escravas da senzala iam servir tanto na casa para serviços domésticos quanto para serviços sexuais, daí nasce a figura mitológica da mucama.

Além de tais figuras mitológicas, surge uma outra que é, na verdade, o desdobramento da mucama: a mãe preta ou ama de leite, também conhecida como mãe de criação. Este estereótipo em particular é o que investigamos em poemas de escravidão, pois, o imaginário social da sociedade colonizadora, criou uma imagem destas mães pretas que não coincide com a realidade por elas vividas. Todo este construto idealizado, romantizado em torno do mito da mãe preta, em que ela é uma pessoa geralmente idosa, doce, amável, fiel, católica e incapaz de envolver-se com seu senhor branco, é marginal diante da poesia abolicionista.

Na verdade, o mito da mãe preta é uma *cortina de fumaça* para esconder as mazelas de uma sociedade escravista, formada por uma elite branca que se apropriava tanto da força de trabalho quanto dos corpos dos escravizados, uma delas é o fato de a mãe preta ter seu filho preto arrancado de seus braços, para criar o filho branco de seu senhor, aceitando tudo isso passivamente.

Logo, diante dessa e de outras situações camufladas pela literatura brasileira, emerge, um poeta do movimento abolicionista, Mello Moraes Filho, o qual na terceira parte de sua obra, poemas de escravidão, expõe por meio da poesia, todo e real sofrimento vivido por estas mulheres negras escravizas. Desconstruído, assim, toda fantasia em torno do mito das mães pretas.

Nela, o autor revela situações do cotidiano vivido pelas escravas, histórias de sofrimento, dor e miséria. Em seu livro, o poeta deu voz a estas mulheres, mães negras silenciadas por uma sociedade racista e escravocrata, as quais nunca saberemos seus nomes, mas suas vozes ecoarão imortalizadas na obra de Mello Moraes Filho, poeta das vozes das mães pretas.

REFERÊNCIAS

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 2012.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 202-203 p.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a Outsider Within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Estado e Sociedade**, v. 31, n.1, pp. 99-- 127. 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

DEIAB, Rafaela de Andrade (2006). **A mãe-preta na literatura brasileira**: a ambiguidade como construção social (1880-1950). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e Memória *In*: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, v. 1, p. 95-124.

FATIMA, Sônia. Passado Histórico. *In*: QUILOMBHOJE (org.). **Cadernos Negros**: os melhores poemas. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1. 45ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GIACOMINI, Sonia Maria. Ser escrava no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 15. Universidade Cândido Mendes, 1988, p. 145-70

JÚNIOR, José A. C. Mãe preta. **A mãe de família**. Rio de Janeiro, nov. 1888.

GONZALEZ, Lélia. **O Papel da Mulher Negra na Sociedade Brasileira**: uma abordagem político-econômica: Los Angeles: mimeografado, 1979.

MARTINS, Leda. **Afrografia da memória**: O reinado do Rosário do Jatobá. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza, 1997

MELO, J.C.C.; SOUSA, K.T.A. Escravidão e sua configuração contemporânea: empregadas domésticas e as relações de poder e desigualdade no Brasil. *In*: BRAGA, D. L. S. *et al.* (Orgs.). **Pesquisas e inovações em ciências humanas e sociais**: produções científicas multidisciplinares no século XXI. Volume 1. Florianópolis: Instituto Scientia, 2022. cap. 32, p. 632-649. Disponível em: <https://institutoscientia.com/wp-content/uploads/2022/10/Pdf-Livro-Humanas-3.pdf>. Acesso em 07 set. 2024

MONGIM, Luciana Marquesini (2019). **Etnicidade e literatura**: a presença do negro na literatura marginal periférica. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

MORAES FILHO, Mello. **Cantos do Equador**. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1881. Para uma história do negro no Brasil. — Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. Disponível em: https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf. Acesso em 22 set. 2024.



RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Trad: Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1965.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 67. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

RONCADOR, Sonia. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 31, 2008. p. 129-152, jan./jun.

ROMERO, Silvio (1881). A questão do dia: a emancipação dos escravos. **Revista Brasileira**, ano 2, tomo 7, 1981. p. 192.

SAYERS, Raymond S. **The Negro in Brazilian Literature**. New York: Hispanic Institute, 1956.

SEGATO, Rita Laura. **O Édipo Brasileiro**: A dupla negação de gênero e raça. Série antropologia, (400), Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2006.

SANTOS, Milena Afonso dos. **Maternidade negra interrompida**: contribuições de mães de vítimas do genocídio antinegro para uma gramática contra-hegemônica de direitos humanos. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Estado. Rio de Janeiro. 2023.

Título em inglês:

THE VOICES OF BLACK MOTHERS IN THE WORK ECUADOR
SONGS, BY MELLO MORAES FILHO: A READING OF THE SLAVERY
POEMS